

**Simpósio internacional**

**Programação**

**&**

**Resumos**

**25 de Abril:**

**Ecos Musicais**

**Lisboa**

**25 a 27**

**Abril**

**2024**



Caravelas - Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira  
Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical - CESEM  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Financiamento Programático do CESEM - História Temática da Música em Portugal e no Brasil  
UIDP/00693/2020,  
IN2PAST (LA/P/0132/2020)

**SIMPÓSIO INTERNACIONAL**  
***25 DE ABRIL: ECOS MUSICAIS***

Lisboa, 25 a 27 de abril

Lisboa, abril de 2024

Programação

&

Caderno de Resumos

(PROVISÓRIO)

**Edição:**

Alberto Pacheco

Juliana Wady

**Realização:**

Caravelas, CESEM, FCSH-NOVA

**Colaboração:**

CHAM – Centro de Humanidade, Departamento de Ciências Sociais e Humanas e Reitoria da NOVA FCSH

**Comissão Científica:**

Alberto Pacheco, NOVA FCSH

Ana Cláudia Assis, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Ana Maria Liberal, ESMAE, Instituto Politécnico do Porto

Ana Guiomar Rêgo Souza, Universidade Federal de Goiás - UFG

David Cranmer, NOVA FCSH

Fernando Magre, Faculdade de Música do Espírito Santo - Fames

Giorgio Monari, Sapienza Università di Roma

Giovanni Vacca, Università degli Studi Roma Tre

Guilherme Goldberg, Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Manuel Deniz Silva, NOVA FCSH

Marcos Moreira, Universidade Federal de Alagoas - Ufal

Mário Marques Trilha, Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Rodrigo Teodoro de Paula, CESEM

Simone Caputo, Sapienza Università di Roma

**Conferencista convidado:**

Walter Garcia da Silveira Junior, Universidade de São Paulo - USP

**Organizadores:**

Alberto Pacheco (Coordenação Geral)

David Cranmer

Giorgio Monari

**Comissão executiva:**

Caio Priori Santos

Juliana Wady

Mădălina Petre

**Auxiliar de tradução:**

Maria Eugenia Verdaguer

**Línguas do evento:** Português, Italiano, Inglês

**Apoio:**

Financiamento Programático do CESEM - História Temática da Música em Portugal e no Brasil

UIDP/00693/2020

IN2PAST (LA/P/0132/2020)

**Rede WiFi**  
**Simpósio 25 de Abril**

**Utilizador:** [eduroam1@fsh.unl.pt](mailto:eduroam1@fsh.unl.pt)

**Palavra-passe\*:** sp.38622

**Utilizador:** [eduroam2@fsh.unl.pt](mailto:eduroam2@fsh.unl.pt)

**Palavra-passe\*:** yu.9955

## Sumário

<b><u>Programação</u></b> .....	<b>9</b>
<u>25 de abril, Quinta-feira</u> .....	9
<u>26 de abril, Sexta-feira</u> .....	9
<u>27 de abril, Sábado</u> .....	10
<b><u>Conferência de abertura:</u></b> .....	<b>12</b>
<u>Da “grande ilusão do carnaval” à “marca dos dentes dela no braço”: a vida popular cantada por João Gilberto, Nara Leão e Paulinho da Viola</u> .....	12
<b><u>Comunicações</u></b> .....	<b>13</b>
<u>“Tudo certo como dois e dois são cinco”: a ditadura militar em questão no Brasil</u> ...	13
<u>A Dinamogenia e o aspecto político nas <i>Fantasia Brasileira para Piano e Orquestra</i> de Francisco Mignone</u> .....	14
<u>A Voz da Liberdade: como o movimento folk revival americano se fez sentir na canção de protesto portuguesa das décadas de 1960 e 1970</u> .....	15
<u><i>For a free Portugal</i> di Charlie Haden. Analisi musicale e contestuale</u> .....	16
<u>Materiale resistente 1945 - 1995" (Il Manifesto)</u> .....	17
<u>La campagna militare d'Italia (1943-45) e il samba</u> .....	18
<u>A influência do 25 de abril na música galega. A viola do Zeca</u> .....	19
<u>Em cena A Barraca: história e teatro em Portugal nos anos 1970</u> .....	20
<u>Um pouco do que foi esquecido em nossas ditaduras</u> .....	21
<u>Nuvens de exílio no horizonte dos Festivais da MPB (1965-1968)</u> .....	22
<u>I canti della Resistenza italiana: un ambiguo canzoniere</u> .....	23
<u>Revisitação a Gilberto Mendes e o conjunto de obras social e politicamente engajadas apresentadas durante as décadas de 1960 e 1980 no Festival Música Nova (Brasil)</u> .	24
<b><u>Recitais-Palestra</u></b> .....	<b>24</b>
<u>50x25: Consolida, filho, consolida!</u> .....	24
<u>Ler e ouvir a Revolução: literatura e música no 25 de Abril</u> .....	25
<b><u>Notas biográficas</u></b> .....	<b>28</b>
<u>Adalberto Paranhos</u> .....	28
<u>Alberto José Vieira Pacheco</u> .....	28
<u>Alexandre Dietrich</u> .....	29
<u>Alice Catarina Bernardino Rodrigues Fernandes</u> .....	29
<u>Ana Maria Franco</u> .....	30
<u>Ana Praguento</u> .....	30
<u>Carlo Cimino</u> .....	30

<a href="#"><u>Giorgio Monari</u></a> .....	30
<a href="#"><u>Isabel Araújo Branco</u></a> .....	31
<a href="#"><u>Isabel Rei Samartim</u></a> .....	32
<a href="#"><u>João Nogueira</u></a> .....	32
<a href="#"><u>Kátia Rodrigues Paranhos</u></a> .....	32
<a href="#"><u>Lutero Rodrigues da Silva</u></a> .....	33
<a href="#"><u>Marco Oliveira</u></a> .....	33
<a href="#"><u>Maria Eugenia Verdaguer</u></a> .....	33
<a href="#"><u>Pedro Branco</u></a> .....	34
<a href="#"><u>Simone Caputo</u></a> .....	34
<a href="#"><u>Teresinha Rodrigues Prada Soares</u></a> .....	34
<a href="#"><u>Walter Garcia da Silveira Junior</u></a> .....	35



# Programação

## 25 de abril, Quinta-feira

### 21h00 - Pavilhão Paz e Amizade, Loures

“Acordai!” – concerto da Orquestra Metropolitana de Lisboa, Coro Participativo e o CoraLiCiMus, com parceria da Câmara Municipal de Loures, da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa e do CESEM da NOVA FCSH, centro no qual está sediado o Caravelas. Mais informações em: <https://cm-loures.pt/Conteudo.aspx?DisplayId=15707>

---

## 26 de abril, Sexta-feira

### 11h00-11h30 – Colégio Almada Negreiros, Sala 217

**Mesa de abertura** – Alberto Pacheco, David Cranmer, Giorgio Monari

### 11h30-12h30 – Colégio Almada Negreiros, Sala 217

**Conferência** (moderador: Alberto Pacheco)

**Walter Garcia da Silveira Junior:** Da “grande ilusão do carnaval” à “marca dos dentes dela no braço”: a vida popular cantada por João Gilberto, Nara Leão e Paulinho da Viola

### 12h30-14h00 – Intervalo para almoço

### 14h00-15h30 – Colégio Almada Negreiros, Sala 217

**Comunicações, Mesa I** (moderador: Giorgio Monari)

**Simone Caputo:** I canti della Resistenza italiana: un ambiguo canzoniere

**Giovanni Vacca:** Materiale resistente 1945 - 1995" (Il Manifesto)

**Carlo Cimino:** *For a free Portugal* di Charlie Haden. Analisi musicale e contestuale

### 15h30-16h00 – Colégio Almada Negreiros

**Intervalo para o café**

**16h00-17h30 – Colégio Almada Negreiros, Sala 217****Comunicações, Mesa II** (moderador: Lutero Rodrigues)**Teresinha Prada:** Revisitação a Gilberto Mendes e o conjunto de obras social e politicamente engajadas apresentadas durante as décadas de 1960 e 1980 no Festival Música Nova (Brasil)**Isabel Samartim:** A influência do 25 de abril na música galega. A viola do Zeca.**Alexandre Dietrich:** A Dinamogenia e o aspecto político nas *Fantasia Brasileira para Piano e Orquestra* de Francisco Mignone**18h00-19h30 – FCSH, Avenida de Berna 26 C, Anfiteatro 0001****Recital Conferência****50x25: Consolida, filho, consolida!****27 de abril, Sábado****9h00-10h30 – Colégio Almada Negreiros, Auditório A224****Comunicações, Mesa III** - (moderador: Walter Garcia)**Maria Eugênia Verdaguer:** Nuvens de exílio no horizonte dos Festivais da MPB (1965-1968)**Alice Catarina Fernandes:** A Voz da Liberdade: como o movimento folk revival americano se fez sentir na canção de protesto portuguesa das décadas de 1960 e 1970**Giorgio Monari:** La campagna militare d'Italia (1943-45) e il samba**10h30-11h00 – Intervalo para o café****11h00-12h30 – Colégio Almada Negreiros, Auditório A224****Comunicações, Mesa IV** (moderador: David Cranmer)**Adalberto Paranhos:** “Tudo certo como dois e dois são cinco”: a ditadura militar em questão no Brasil**Kátia Rodrigues Paranhos:** Em cena A Barraca: história e teatro em Portugal nos anos 1970**Lutero Rodrigues:** Um pouco do que foi esquecido em nossas ditaduras

**12h30-14h00 – Intervalo para almoço**

**14h00-15h00 – Colégio Almada Negreiros, Auditório A224**

**Recital conferência**

**Ler e ouvir a Revolução: literatura e música no 25 de Abril**

## Conferência de abertura:

Da “grande ilusão do carnaval” à “marca dos dentes dela no braço”: a vida popular cantada por João Gilberto, Nara Leão e Paulinho da Viola

**Walter Garcia da Silveira Junior**

Universidade de São Paulo

[waltergarcia@usp.br](mailto:waltergarcia@usp.br)

A ideia de “soberania popular” está presente nas diversas noções de “democracia”, e o termo “povo” é empregado por setores à esquerda e à direita no Brasil, em Portugal e em outros países. Ao mesmo tempo, representantes da direita radical, com maior ou menor pendor autoritário, ganham espaço em eleições. Será que as décadas de 1950 a 1970 no Brasil, quando certas canções produzidas para o mercado fonográfico buscaram inspiração no “povo brasileiro”, podem nos ensinar algo sobre o momento que atravessamos? Tendo como pano de fundo essas inquietações, a conferência abordará três sambas: “A felicidade” (Antonio Carlos Jobim/ Vinicius de Moraes), na interpretação de João Gilberto gravada em 1959; “Quem te viu, quem te vê” (Chico Buarque), interpretada por Nara Leão em 1967; e “Comprimido” (Paulinho da Viola), na gravação realizada pelo compositor em 1973. O primeiro objetivo será discutir a relação que a forma de cada fonograma estabeleceu com a vida e a cultura popular. Na linha da crítica estética desenvolvida por autores como Antonio Candido, Roberto Schwarz e José Antonio Pasta Júnior, a noção de forma é entendida como a análise dos elementos que estruturam as obras e a interpretação dos sentidos de cada estrutura à luz do processo histórico. Nessa chave, o segundo objetivo será abordar questões fundamentais do diálogo que a bossa nova e, a seguir, artistas da MPB estabeleceram com projetos, impasses e transformações da sociedade brasileira em um período que vai da presidência de Juscelino Kubitschek, durante a democracia implantada ao final de 1945, até o governo Médici, durante a vigência da ditadura militar (com apoio civil) anterior à transição política “gradual, lenta e segura”. A conferência integra o conjunto de atividades desenvolvidas no projeto de pesquisa *Claro enigma: por uma revisão crítica interdisciplinar da estética de João Gilberto (1958-2008)*, apoiado pelo CNPq.

**Palavras-chave:** Música popular brasileira; samba; João Gilberto; Nara Leão; Paulinho da Viola.

## Comunicações

### “Tudo certo como dois e dois são cinco”: a ditadura militar em questão no Brasil

**Adalberto Paranhos**

UFU/CNPq

[akparanhos@uol.com.br](mailto:akparanhos@uol.com.br)

Ao tomar como ponto de partida as contribuições de Mikhail Bakhtin, este trabalho objetiva incursionar por um estudo de caso de dialogismo – ou de intertextualidade em sentido restrito – aplicado à música popular. Mais do que uma alusão genérica ao princípio dialógico constitutivo de toda e qualquer linguagem e de todo e qualquer discurso, busca-se, aqui, examinar duas composições nas quais o diálogo que vincula uma a outra põe em destaque as marcas linguísticas que as aproximam. Para tanto lançarei mão de duas gravações. Indo além de um procedimento meramente formal, interessa-me sobretudo enfatizar como a relação dialógica estabelecida entre elas acabou por promover uma politização inesperada do conteúdo original da canção/gravação na qual o registro posterior se ancorou parcialmente.

O foco da análise recairá primeiramente sobre “Chão de estrelas” (de Silvio Caldas e Orestes Barbosa), gravada por Silvio Caldas em 1937, quando o autoritarismo em alta no Brasil já prenunciava a ditadura do “Estado Novo”. Em seguida, irei me deter em “Como 2 e 2” (de Caetano Veloso), levada ao disco, entre outros, por Gal Costa em 1970/1971, na fase mais violentamente repressiva do regime ditatorial brasileiro pós-1964. Em meio a isso, se verificará, no dizer de Bakhtin, que “a segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos”. Trocando em miúdos, os versos de uma canção supostamente apolítica foram politizados, num outro contexto poético-musical, servindo como combustível para a contestação da ditadura militar vigente no Brasil. Por aí se percebe que, valendo-se da “linguagem da fresta”, nem toda oposição ao *status quo* se fez

ouvir apenas e tão somente pela via da música escancaradamente de protesto. Afinal, diferentes sons embalavam, nos dois lados do Atlântico, os sonhos da democratização.

**Palavras-chave:** Ditadura militar brasileira; dialogismo; contestação; democratização; música popular.

## *A Dinamogenia e o aspecto político nas *Fantasia*s Brasileiras para Piano e Orquestra de Francisco Mignone*

**Alexandre Dietrich**

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

[alexandredietrich@yahoo.com.br](mailto:alexandredietrich@yahoo.com.br)

Francisco Mignone (1897-1986) escreveu quatro *Fantasia*s Brasileiras para Piano e Orquestra entre 1929 e 1936. Teve como principal apoiador em suas decisões estilísticas, o pesquisador Mário de Andrade (1893-1945), o qual realizou estudos musicais e proposições acerca dos efeitos da utilização da dinamogenia nos seres humanos. No período em questão, preponderava no Brasil o Estado Novo, com a “Era Vargas”, no qual o incentivo à produção e ao consumo nacional eram estimulados. No contexto político/social, este período tem como característica histórica a criação de siderúrgicas de grande porte e a produção de combustíveis, criando assim, possível independência do Brasil em relação às fontes de energia. Com esses dois principais eixos implantados no Brasil, muitos outros segmentos sociais e políticos tiveram seu desenvolvimento assegurado. Na música, a expansão dos veículos de comunicação, em especial o rádio, fora aspecto de relevância para sua popularidade, e iniciou-se o processo de consumo em massa pela população em geral, afetando significativamente a cadeia produtiva cultural/musical. O emprego e manuseio de elementos nacionais nas composições, com efeito manipulador na população, veio em consonância com as políticas implantadas pelo governo da época. Mário de Andrade desenvolveu a estética nacionalista e, vislumbrou conexões de seus estudos com as diretrizes sociais do governo. Consecutivamente, os compositores simpáticos as ideias de Andrade, criaram obras com vistas à utilização de componentes musicais influenciados pela cultura popular, pelo folclore brasileiro. Mário, em seus estudos sobre o efeito dinamogênico que a música

desencadeia nos seres humanos, é contundente quanto à decorrência aglutinadora que o ritmo, em especial, gera nas multidões. Com o entendimento da conceitualização do fator dinamogêncio através da observação, estudo e levantamento da literatura de Mário de Andrade, do modernismo brasileiro, e da literatura pianística em questão, o mesmo poderá ser observado objetivamente na construção musical das *Fantasia Brasileira* de Francisco Mignone e, quando do conhecimento e entendimento da dinamogenia, o intérprete obterá mais uma ferramenta de estudo na construção da interpretação artístico/musical das peças em foco, sendo este o objetivo principal do trabalho. O presente trabalho se enquadra no eixo: “A música nas ruas como agente mobilizador do povo” no instante em que trata sobre a corrente nacionalista e sua repercussão diante da população brasileira, consumidores de eventos artísticos/musical e dos artistas e, observando que, na plataforma de diretrizes nacionalistas, a música, em especial, poderia unir multidões e alcançar patamares de universalidade perante a união do povo junto à uma obra de arte. Segundo Andrade, a Dinamogenia possuía esse poder agregador das multidões e, foi utilizado para propagar os preceitos políticos da época em questão.

**Palavras-chave** Fantasia Brasileira, Francisco Mignone, Mário de Andrade, Dinamogenia, Nacionalismo.

## **A Voz da Liberdade: como o movimento folk revival americano se fez sentir na canção de protesto portuguesa das décadas de 1960 e 1970**

**Alice Catarina Bernardino Rodrigues Fernandes**

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

[alicecatarina2000@hotmail.com](mailto:alicecatarina2000@hotmail.com)

Portugal teve, entre 1960 e 1970, uma contracultura que ameaçava o regime em vigor e a sua estabilidade, com artistas como Zeca Afonso e José Mário Branco. Em contrapartida, nos EUA a população via em causa os direitos civis e humanos, utilizando representações culturais para se fazerem ouvir, com artistas como Bob Dylan e Joan Baez. A globalização deixou cada vez mais próxima a cultura de outros países com a de

Portugal, e certos aspetos musicais foram provenientes desta globalização mundial, tal como a transformação da cultura portuguesa pela influência destas fontes. Perguntámo-nos então como a música folk dos EUA pode ter influenciado a música de protesto portuguesa da mesma época.

É possível constatar esta influência musical norte-americana ao invocar a contextualização histórica e social. Através de fontes relevantes, como artigos e relatos de personagens em ambos os movimentos, e da análise musical, é possível retirarmos conclusões referentes às semelhanças e divergências da cultura musical e social de cada um destes movimentos. Aspetos como a criação da “figura de cantor de protesto” e uma procura por autenticidade cultural demonstram esta influência do caso norte-americano, enquanto que o ideário de indústria musical e o nível de aproximação dos cantores à vida política em que se viam envolvidos promove a individualidade cultural de cada país, levando a diferenças culturais significativas. Estes aspetos, e outros, condicionam o trabalho artístico dos cantores envolvidos nestes núcleos culturais, tendo forte influência nas suas características estilísticas, como as linhas melódicas, a harmonização, a instrumentação, o texto, entre outros.

Chegámos então à causa e ao processo desta influência, as suas origens nacionais e internacionais e o seu carácter de protesto através dos elementos de metodologia já discutidos. Enquadrado nas temáticas da música de protesto, da tradição *folk* americana e da música de intervenção portuguesa, descobrimos as linhas musicais que cada um destes movimentos seguiu e de que forma estas foram tingidas pelo pano cultural em que se inseriam e as influências externas e internas que tiveram, que em muito eram determinadas pela estética musical individual dos intervenientes, mas que torna possível assistir a semelhanças entre eles.

**Palavras-Chave:** Canção de Intervenção, Folk Revival americano, Zeca Afonso, Bob Dylan, Análise Musical.

*For a free Portugal* di Charlie Haden. *Analisi musicale e contestuale*

**Carlo Cimino**

Università degli Studi della Calabria

[carlocimino77@gmail.com](mailto:carlocimino77@gmail.com)



L'intervento ha come oggetto l'analisi musicale del brano *For a free Portugal* del contrabbassista Charlie Haden, ultima traccia del disco *Closeness* (Horizon, 1976). Il testo di riferimento è l'incisione fonografica, pertanto l'analisi si avvarrà di trascrizioni in notazione tradizionale, diagrammi di flusso utili a dare veste grafica alla forma del brano, timeline ottenute con l'ausilio di una Digital Audio Workstation. Il pezzo in esame presenta un tema esposto dal contrabbasso e momenti di interazione creativa tra Haden ed il batterista Paul Motian, nonché l'inserimento di due incisioni su nastro. Il primo nastro pre-registrato riproduce la voce dello stesso Haden che, durante un concerto del quartetto di Ornette Coleman a Cascais nel Novembre del 1971, dedicò il brano *Song For Che* ai Movimenti di Liberazione in lotta nelle colonie portoghesi. Questo gesto fu accolto con grande favore dal pubblico presente, tuttavia il giorno dopo Haden venne arrestato, trattenuto ed interrogato dalla polizia portoghese. Il secondo nastro utilizzato riproduce un canto risalente al 14 Aprile 1968, registrato durante l'attacco del MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) alla caserma portoghese di Karipande (Angola). La voce è quella del comandante Hoji-ia-Henda che morì proprio in quell'occasione. *For a Free Portugal* non è un brano Jazz convenzionale poiché la sua forma è il frutto di un montaggio di nastri magnetici in studio di registrazione (tecnica che nel 1976 era ampiamente diffusa non solo in ambito Popular). Esso svolge la funzione di "canzone" di protesta, pur non essendo affatto una canzone, poiché è testimonianza di lotta. Infine il titolo è forse tra le cose più interessanti. La liberazione del Portogallo passava necessariamente attraverso quella delle sue colonie e viceversa; Haden utilizza documenti sonori riferiti alle lotte in Angola, ma dedica il brano al Portogallo libero.

**Parole chiave:** Free jazz, Charlie Haden, Analisi musicale, Angola, MPLA.

## Materiale resistente 1945 - 1995" (Il Manifesto)

**Giovanni Vacca**

Università degli Studi Roma Tre

[giovannivaccamail@gmail.com](mailto:giovannivaccamail@gmail.com)

Nel 1995, a ridosso dell'avvento del I governo Berlusconi che aveva spostato nettamente a destra l'asse della politica italiana, il quotidiano *Il Manifesto* pubblicò un cd

dal titolo "Materiale resistente 1945 - 1995". L'album includeva diciotto gruppi della scena alternativa e indipendente che rielaboravano in chiave rock canzoni della resistenza, o ne inventavano di nuove, per celebrare i cinquant'anni dalla liberazione. Il mio intervento analizzerà il disco e il contesto nel quale nacque, in un momento in cui la musica italiana viveva una stagione di splendore e di creatività.

**Parole chiave:**

## La campagna militare d'Italia (1943-45) e il samba

**Giorgio Monari**

Sapienza Università di Roma – Musica Sapienza

[giorgio.monari@uniroma1.it](mailto:giorgio.monari@uniroma1.it), [giorgio.monari@yahoo.it](mailto:giorgio.monari@yahoo.it)

Durante la Seconda Guerra Mondiale, le forze alleate guidate dagli eserciti anglo-statunitensi invasero la Sicilia il 10 luglio 1943 e la Penisola italiana il 3 settembre portando il governo italiano all'armistizio annunciato l'8 settembre. L'esercito della Germania nazista alleata dell'Italia mussoliniana si oppose militarmente all'offensiva lanciata contro già il 9 settembre dall'Italia del sud. L'avanzata alleata verso nord fu rallentata dalla forte resistenza del nemico, finché Roma fu presa il 4 giugno 1944. Dopo lo sbarco in Normandia (6 giugno), varie unità militari americane e francesi furono ritirate per andare a operare nel sud della Francia. Entrò in gioco, a questo punto, la *Força Expedicionária Brasileira* (FEB) con un supporto anche della forza aerea nazionale. Il Brasile neutrale di Getúlio Vargas aveva dichiarato guerra all'Asse nell'agosto 1942, in seguito agli attacchi marittimi italo-tedeschi volti a comprometterne gli scambi commerciali favorevoli alle strategie anglo-americane. Dopo la presa di Roma nel 1944, gli alleati si erano spinti fino al nord della Toscana e qui fronteggiavano la dura difesa tedesca sulla Linea Gotica. Fu nel superamento di questa linea difensiva che si distinse la FAB, a partire da metà settembre 1944. Le truppe brasiliane ebbero un ruolo fondamentale nello sfondamento dell'aprile 1945 e poterono spingersi oltre nell'Italia del nordovest fino a Torino e al confine, dove incontrarono gli alleati francesi il 2 maggio. Nel frattempo, il 25 aprile, i partigiani del Comitato di Liberazione Nazionale Alta Italia avevano chiamato all'insurrezione gli italiani e, a riconoscimento del contributo locale all'esito del conflitto, la data sarebbe poi stata scelta per la nazionale «Festa della

liberazione». In Brasile, il clima nei confronti della numerosa comunità italiana si era fatto intanto particolarmente teso – già nel 1942 la squadra di calcio Palestra Italia di São Paulo, fondata da immigrati italiani nel 1914, aveva dovuto cambiare nome e colori – e intanto si celebravano i successi militari e si commemoravano i morti sul campo, mentre anche il mondo del samba di Rio de Janeiro prendeva parte all’impresa con alcune composizioni scritte “a caldo”, a riflettere le preoccupazioni e insieme l’eccitazione dell’avventura militare e a rendere omaggio ai propri combattenti, non senza una nota di speranza in seguito al tributo sul campo offerto anche da quelle comunità tradizionalmente riunite intorno alla popolare musica carnevalesca.

**Parole chiave:** Seconda Guerra Mondiale, *Força Expedicionária Brasileira*, Rio de Janeiro, Samba, Carnaval

## A influência do 25 de abril na música galega. A viola do Zeca

**Isabel Rei Samartim**

Conservatório Profissional de Música de Santiago de Compostela

[isabelreibr@yahoo.com.br](mailto:isabelreibr@yahoo.com.br)

Na década de 1970 decorreram grandes mudanças políticas nos dois estados ibéricos. A Revolução dos Cravos iniciou o período democrático português em 1974, antes da ditadura de Franco cair no Reino da Espanha. A Galiza, no meio dos dois mundos mas sempre mais ligada culturalmente a Portugal, recebeu a influência musical direta da canção de intervenção portuguesa através das figuras de José Afonso, Luís Cília, Adriano Correia de Oliveira e outros. A guitarra, ou viola, como instrumento fundamental da música contra a ditadura achou na Galiza um espelho previsível. As circunstâncias políticas eram semelhantes e o instrumento era cultivado de longa data com intérpretes a assinarem as próprias composições, com história, escolas de ensino e agrupamentos diversos e espalhados por todo o território galego. A situação política gerou música de intervenção também na Galiza, a qual se viu apoiada e reforçada pelos cantautores portugueses. Mas, também propiciou o desenvolvimento moderno da guitarra/viola na Galiza dentro doutros âmbitos como o clássico, o folque e os estilos urbanos. Nesta

comunicação analisam-se os relacionamentos musicais galego-portugueses no período do final das duas ditaduras e a influência que teve a música portuguesa de intervenção na música galega e, mais concretamente, na música galega para viola/guitarra.

**Palavras-chave:** Portugal, Galiza, música, viola, guitarra.

## Em cena A Barraca: história e teatro em Portugal nos anos 1970

**Kátia Rodrigues Paranhos**

Universidade Federal de Uberlândia/UFU/Brasil

[akparanhos@uol.com.br](mailto:akparanhos@uol.com.br); [katia.paranhos@ufu.br](mailto:katia.paranhos@ufu.br)

Depois do 25 de abril de 1974 – conhecido como Revolução dos Cravos ou Revolução de Abril que depôs o regime ditatorial do Estado Novo –, uma movimentação profunda, marcada por uma convergência de teatro de tradição brechtiana, neorrealista e experimentalismo, foi ganhando espaço e liberdade para constituir uma cena avidamente permeável a formas novas e a processos mais diferenciados de expressão. Nesse contexto, destacaram-se alguns coletivos centrais à vida teatral portuguesa como o Teatro Experimental de Cascais (1965), A Comuna (1972), a Seiva Trupe (1973), O Bando (1974), A Barraca (1975) e o Teatro Aberto (1982). Em sintonia com esse processo criativo, proponho-me a examinar dois espetáculos do grupo A Barraca (dirigido por Maria do Céu Guerra e Hélder Costa) levando em consideração o seu impulso de criação de dramaturgia(s), adaptações e montagens musicais. Em *Santa Joana dos matadouros*, de Bertolt Brecht, de 1984, e em *O baile*, de 1988 (assentado na ideia de Jean-Claude Penchenat e do filme homônimo de Ettore Scola), a música – uma das componentes essenciais do trabalho da companhia – se integra ao texto tal como um contraponto dramático; via de regra, interage com a cena, resume-a ou explica-a, fecha uma sequência, apresenta os personagens ou age como elemento de ligação entre as cenas. Deparamo-nos com situações em estilo de reportagem, cenários móveis, sons e falas entre atores e a plateia. Em outras palavras, pode-se perceber uma reavaliação do processo de produção dramática, da narrativa, da linguagem cênica e da relação com o espectador. Com base nessa experiência procurarei realçar os sentidos do fazer teatral de A Barraca pós-Revolução dos Cravos, assentado no binômio história e cultura, num

redimensionamento de uma proposta de teatro popular cujo poder comunicativo evidencia os sentidos de uma invenção teatral engajada, poética e sonora.

**Palavras-chave:** A Barraca; teatro musical; dramaturgia(s); sonoridades.

## Um pouco do que foi esquecido em nossas ditaduras

**Lutero Rodrigues da Silva (Lutero Rodrigues)**

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes

[lutero.rodrigues@unesp.br](mailto:lutero.rodrigues@unesp.br)

Enquanto durou a ditadura em Portugal (1933-1974), o Brasil viveu 2 períodos ditatoriais entremeados por quase 20 anos de governos democráticos (1945-1964). No primeiro período ditatorial (1937-1945), as relações com o correspondente Governo português foram mais intensas, a tal ponto de não ser apenas coincidência a denominação comum que adotaram: “Estado Novo”. Pretendemos mencionar pontos principais do que foi compartilhado pelos 2 países, destacando-se as áreas cultural e musical, mas nosso foco principal será o segundo período ditatorial brasileiro (1964-1985), quando a relação política entre ambos os países acabou sendo menos intensa, mais pontual.

Atendo-nos mais ao Brasil, tentaremos identificar diversas iniciativas pessoais e coletivas em prol da redemocratização do país que hoje estão esquecidas, sobretudo na música de concerto, uma vez que suas correspondentes na música popular tiveram tal alcance que nomes, como os de Chico Buarque de Holanda e Caetano Veloso, transformaram-se em ícones da cultura brasileira. Não foi assim com numerosos músicos e compositores daquela área que, no entanto, vivenciaram desemprego, exílio, vetos da censura e dificuldades econômicas, sem nunca deixarem de produzir obras musicais ou empreenderem iniciativas que contestavam o regime político, embora sem conseguir alcançar a visibilidade que somente os meios de comunicação poderiam ter-lhes proporcionado.

Os músicos brasileiros quase não contestaram o Estado Novo ou a estética do Modernismo nacionalista. Mesmo José Siqueira (1907-1985), comunista notório, conseguiu criar a Ordem dos Músicos do Brasil, dentre outras instituições. Após a redemocratização, surgiram novos compositores “progressistas”: Cláudio Santoro, Guerra Peixe e outros, vários deles absorvidos como professores, nos novos cursos de

música criados em universidades públicas, após 1950. Com a implantação da ditadura militar, em 1964, muitos deles perderam seus postos nas universidades. Iniciou-se então uma longa resistência cujo estudo será um dos objetivos da nossa pesquisa.

**Palavras-chave:** Modernismo. Estado Novo. Nacionalismo musical. Compositores progressistas. Diretas, Já.

## Nuvens de exílio no horizonte dos Festivais da MPB (1965-1968)

**Maria Eugenia Verdaguer**

Università del Salento (Lecce – Itália)

[mariaeugenia.verdaguer@unisalento.it](mailto:mariaeugenia.verdaguer@unisalento.it)

Em 1965, quando a TV Record organizou o seu primeiro Festival da MPB, a ditadura militar já estava instaurada no Brasil havia um ano. O de 1965 foi o primeiro de uma série de festivais promovidos pela TV Record e pela Rede Globo que, por sua vez, organizou o Festival Internacional da Canção (FIC). O modelo que eles seguiam era o do *Festival di Sanremo* da Itália e as principais edições deles, que se deram entre 1965 e 1968, foram tão importantes na história da MPB que esse período ficou conhecido como a Era dos Festivais. Esses festivais foram o palco de exórdio de compositores e intérpretes que marcaram a história da MPB como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Elis Regina, entre outros. Além do mais, aqueles eram anos de grande polarização e efervescência política, na qual o movimento estudantil representado pela UNE desempenhou um papel fundamental. E toda essa polarização vinha à tona durante os festivais através das torcidas a favor de determinadas canções ou das vaias e críticas a canções que eram consideradas alienadas ou expressão do imperialismo americano. Os festivais, com o crescente aumento da repressão no país, foram se afastando do modelo “bem-educado” do primo italiano, para se tornarem verdadeiras arenas de gladiadores com vaias ensurdecidoras e impetuosas. A maior vaia, que entrou na história dos festivais, foi a vaia contra *Sabiá*, de Chico Buarque e Tom Jobim, que empatou com a música de protesta *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré, no FIC de 1968 quando o Brasil já vivia sob o AI-5. O objetivo da presente comunicação é propor uma reconstrução histórico-crítica do contexto em que os Festivais nasceram, com análise das letras de algumas das canções mais representativas dos Festivais, e do período de exílio

de Chico Buarque na Itália já inconscientemente preanunciado na letra de *Sabiá*, visto que pouco tempo depois, em 1969, Chico Buarque seria “convidado” pelo governo militar a prolongar a sua estadia na Europa, em particular na Itália onde viveria por um período de 14 meses.

**Palavras-chave:** Golpe militar. MPB. Festivais. Censura. Exílio. Chico Buarque.

## I canti della Resistenza italiana: un ambiguo canzoniere

**Simone Caputo**

Sapienza, Università di Roma

[simone.caputo@uniroma1.it](mailto:simone.caputo@uniroma1.it)

«E come potevamo noi cantare / con il piede straniero sopra il cuore, / tra i morti abbandonati nelle piazze / sull’erba dura di ghiaccio...», scriveva Salvatore Quasimodo in apertura della nota poesia *Alle fronde dei salici*, probabilmente composta durante l’occupazione tedesca di Milano, ma pubblicata solo dopo la fine della Guerra di liberazione italiana (la resa incondizionata delle forze nazifasciste divenne effettiva il 2 maggio 1945). Riprendendo l’incipit poetico (e gli studi di Gioachino Lanotte [2006], Giancorrado Barozzi [2014] e Alessio Lega [2022]), la presente indagine si interroga sull’effettiva natura che la pratica del canto ebbe nella Resistenza italiana (nelle città, nei territori di pianura e nelle zone di montagna), attraverso la disamina delle memorie personali dei partigiani, dei contributi sull’argomento degli storici, delle antologie musicali e delle canzoni *della e sulla* Resistenza (le une scritte nei mesi della lotta di Liberazione, le altre elaborate in seguito). L’indagine intende inoltre analizzare il peso che nella recente storia italiana (dal dopoguerra a oggi) i “discorsi” sulla Resistenza hanno avuto talora nell’attribuzione di una origine “popolare” ai canti di libertà, talaltra nella loro rilettura “militante” e “di classe” (in particolare tra la fine degli anni Sessanta e gli inizi degli Ottanta), infine sulla ripresa e incisione (non di rado ritoccata) degli stessi.

**Parole chiave:**

## Revisitação a Gilberto Mendes e o conjunto de obras social e politicamente engajadas apresentadas durante as décadas de 1960 e 1980 no Festival Música Nova (Brasil)

**Teresinha Rodrigues Prada Soares**

Universidade Federal de Mato Grosso

[teresinha.prada@gmail.com](mailto:teresinha.prada@gmail.com)

A comunicação destaca o trabalho de Gilberto Mendes (1922-2016), compositor brasileiro idealizador do Festival Música Nova, pioneiro da música experimental, que durante mais de quatro décadas organizou o evento, no qual divulgou obras de vanguarda, a promover estreias. O exame minucioso do repertório no recorte temporal de 1962 (início do Festival) a 1985 (ano da eleição presidencial de um civil), feito durante o doutoramento da autora, apresenta um conjunto de obras musicais de preocupação social e política, na vigência de um período de censura e exceção. Pretende-se abordar como essa música de concerto, de poéticas radicalmente contemporâneas, fez o enlace com o engajamento, quais composições representaram isso e que estratégias foram utilizadas para que o trabalho musical concertístico se solidarizasse com a classe artística e de movimentos que protestavam e lutavam pela volta da democracia plena ao país. Tal revisitação hoje se dá em um momento em que os ecos da liberdade são instados a salvaguardar memórias e a mobilizar a sociedade.

**Palavras-chave:** Gilberto Mendes. Música politicamente engajada. Vanguarda musical. Festival Música Nova.

## Recitais-Palestra

**50x25: Consolida, filho, consolida!**

**Ana Maria Franco, Ana Pragueto e João Nogueira** (UC de Prática Musical: Músicas do Mundo da licenciatura em Ciências Musicais) convidam Pedro Branco e Marco Oliveira (e a quem mais aprover) para se juntarem numa celebração de Abril com canções de José Mário Branco.



**Pedro Branco:** voz e violão

**Marco Oliveira:** voz, violão e piano

**Ana Maria Franco:** voz

**Ana Pragueto:** clarinete

**João Nogueira:** contrabaixo, violão e voz

## Ler e ouvir a Revolução: literatura e música no 25 de Abril

**Comissão organizadora:** Isabel Araújo Branco ([ibranco@fcs.unl.pt](mailto:ibranco@fcs.unl.pt))  
e Alberto Pacheco ([apacheco@fchs.unl.pt](mailto:apacheco@fchs.unl.pt))

**Organização:** CHAM – Centro de Humanidades (NOVA FCSH-Uac)

**Apoio:** Departamento de Ciências Musicais da NOVA FCSH

**Parcerias:** Museu do Aljube – Resistência e Liberdade e Comissão  
Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril

**Participantes:** Isabel Araújo Branco, Pedro Valegas, Teresa Lacerda, Camila  
Carvalho e Silva, Marisol Gomez dos Santos, Alina Baldé, João de Figueirôa-Rego e  
CoraLiCiMus

Sessão de leitura de textos literários sobre o processo revolucionário português e interpretação de peças musicais associadas pelo CoRaLiCiMus – Coral dos Alunos da Licenciatura em Ciências Musicais da Faculdade de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa, dirigido por Alberto Pacheco. Com projecção de fotografias de Eduardo Gageiro.

**Textos originais** de Ivone Dias Lourenço, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Gomes Ferreira, Virgínia Moura, João Pedro Mésseder, Ernesto de Melo e Castro e Jorge de Sena.

### **Composições musicais:**

**Acordai !** - Fernando Lopes-Graça

**Medly de “Grândola, Vila Morena”, “Tanto mar” e “Bella ciao”** – José Afonso, Chico Buarque, canto popular (Arranjo de Alberto Pacheco)

**Hino constitucional de 1820** - Carlo Coccia.

**Grândola, Vila Morena** - José Afonso (Arranjo de Fernando Lopes-Graça)

**CoraLiCiMus:**

**Direção:** Alberto Pacheco

**Voz I:**

Adriana Mendes Pires dos Santos Caramelo

Alice Pereira Umbelino

Ana Carolina Gomes Ferreira

Beatriz Natário Martins Oliveira Sobralinho

Beatriz Carvalho

Carolina da Costa Ferreira

Daniela Maria Ângelo Silva Santos

Ioanna Mitonidou

Isabel Maria de Sousa Mendes

Leonor Cabrita Gonçalves

Marisa Coelho Sousa

**Voz II**

Beatriz Quaresma de Carvalho

Carla Alexandra Delicado Linares

Carolina Rodrigues

Francisca Villa Lobos

Leonor Amoreira Simões Varela Ferreira

Margarida Lucas Noivo

Maria Maltinha Matias Renga

Rita de Sousa Trindade Tátá Mira

**Voz III**

Afonso Oliveira

André Chambel Ferreira

Francisco Fernandes

Gustavo Vargas Alves Silva

Hugo dos Santos Silva

João Martim Beles

João Tomás Parada Semedo Pereira

Vasco Carvalheira

#### **Voz IV**

André Rosa Segurado

João Chaves

Hugo Silva

Leonardo Duarte Marques Gabriel

Miguel Diogo Rodrigues

Nelson Almeida

Pedro Campos

Pedro Miguel Boura Baptista

Rafael José Mestre Frade

## Notas biográficas

### Adalberto Paranhos

Professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Ciência Política (Unicamp), doutor em História (PUC-SP), com pós-doutorado em Música (Unicamp). Pesquisador do CNPq. Ex-vice-presidente e ex-presidente da IASPM-AL (seção latino-americana da International Association for the Study of Popular Music). Editor de *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*. Autor, entre outros livros, de *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil* (2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007) e *Os desafinados: sambas e bambas no "Estado Novo"* (São Paulo: Intermeios/CNPq/Fapemig, 2015). Assessor da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo), participa de conselhos editoriais e consultivos de 11 publicações do Brasil e do exterior e de uma editora acadêmica. Publicou artigos em revistas especializadas e capítulos de livros na Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra e Portugal.

### Alberto José Vieira Pacheco

Alberto Pacheco é professor Auxiliar do curso de Ciências Musicais da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, sendo aí também coordenador do Doutorado em Artes Musicais. Entre 2015 e 2022, atuou como Professor Adjunto de Canto na Escola de Música da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde chegou a ser Coordenador da linha de Práticas Interpretativas e seus Processos Reflexivos do Programa de Pós-Graduação em Música. Ele é Doutor e Mestre em música pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e autor de vários livros como: “Álbum de Armia: Gemidos sobre o túmulo de uma brasileira”, publicado pela Pimenta Cultural, “O Canto Antigo Italiano” e “Castrati e outros virtuosos”, ambos pela Annablume, “Guia musical dos periódicos da Fundação Biblioteca Nacional” e “Cancioneiro dos periódicos da Fundação Biblioteca Nacional”, pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em 2022, foi agraciado com a Medalha Biblioteca Nacional – Ordem do Mérito do livro em reconhecimento por sua destacada atividade de investigação e publicação junto à Fundação Biblioteca Nacional. Entre 2007 e 2013, realizou seu pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa, CESEM, como bolsista da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal). Permanece ainda como Investigador do CESEM, sendo um

dos membros fundadores do Caravelas, Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira, de cujo Dicionário Biográfico é coordenador/editor. Pacheco é um dos membros fundadores da *Academia dos Renascidos*, grupo musical que tem por objetivo executar o repertório vocal luso-brasileiro. Participou, como solista, na gravação de 5 CDs no Brasil e em Portugal. Possui um canal no YouTube, no qual divulga o patrimônio musical luso-brasileiro: <https://www.youtube.com/user/Albertovieirapacheco/about>

### Alexandre Dietrich

Pianista, Bacharel e Mestre em Música, atualmente Doutorando em Música pela UDESC sob orientação da Dra. Maria Bernardete Castelan Póvoas. Atua como solista de orquestras, música de câmara e com recitais solo de piano no Brasil e exterior. Realizou, no Brasil, turnê com a pianista Maria Josephina Mignone em duo a dois pianos, o qual interpretou peças escritas pelo compositor Francisco Mignone. Apresentou recitais de piano solo com repertório de compositores brasileiros nas seguintes cidades europeias: Bruxelas, Lisboa, Hamburgo, Madri, Milão e Paris. Nos EUA apresentou-se em: Athens, Houston, Los Angeles, New Orleans e Roanoke. Alexandre gravou dois Compact Disc: “Cantabile”, com peças solo de F. Mignone, F. Chopin e S. Rachmanonoff e, o CD “Piano Agitato” com o pianista Guilherme Amaral, interpretando peças de J. Brahms e A. Dvorak.

### Alice Catarina Bernardino Rodrigues Fernandes

Nascida em 2000, Alice Fernandes começou os seus estudos em música muito nova. Estudou piano no conservatório de Música D. Dinis e terminou a sua licenciatura em Ciências Musicais da NOVA-FCSH em 2021, tendo de seguida ingressado no mestrado de Artes Musicais da mesma instituição, na qual completou a sua dissertação com 18 valores acerca da música de protesto portuguesa e as suas influências musicais estrangeiras, mais propriamente rementes aos EUA. Encontra-se também a trabalhar como *songwriter* como *freelancer* em Lisboa, tendo já trabalhado com vários nomes da música portuguesa.

## Ana Maria Franco

Começou aos 7 anos no saxofone e continua na Sociedade Recreativa e Musical de Vila Franca do Rosário. Veio da sua terra para Lisboa para o canto lírico na Academia dos Amadores de Música em 2018 e por cá continua na licenciatura em Ciências Musicais.

## Ana Praguento

Professora e clarinetista, começou aos 11 anos na Sociedade Filarmónica Progresso Matos Galamba. De Alcácer do Sal, licenciou-se em Ciências Musicais e frequenta o mestrado em ensino da educação musical para continuar a trabalhar com crianças.

## Carlo Cimino

Carlo Cimino (Cosenza 1977). La sua formazione accademica include: Diploma in Contrabbasso, Triennio e Biennio in Contrabbasso Jazz, Laurea in Discipline delle Arti Musica e Spettacolo (tesi su George Russell), Master di I livello in Analisi e Teoria Musicale (tesi su Leroy Jenkins). Ha partecipato allo stage di giornalismo musicale della rivista Jazzit. Ha inciso per C.N.I., Dodicilune, Italy Sona, Alpha Music, Zonedimusic, Improvvisatore Involontario, Losen Records e conduce un'intensa attività live in ambito Jazz e Popular. Ha pubblicato per la Rivista di Analisi e Teoria Musicale-RATM, organo del Gruppo di Analisi e Teoria Musicale (GATM) ed è direttore editoriale della collana musicale Fonicottero per le edizioni Italo-Argentine Le Pecore Nere Editorial. Attualmente docente a contratto di Linguaggi del 900: Popular Music presso il Dipartimento di Studi Umanistici dell'Università degli Studi della Calabria. Ha insegnato Storia del jazz e Storia della Popular Music nei Conservatori di Cosenza e Pescara.

## Giorgio Monari

Giorgio Monari se formou em Línguas e Literaturas Modernas summa cum laude em 1992 e se doutorou em História e Análise das Culturas Musicais na Sapienza Universidade de Roma. Conseguiu o diploma em Direção coral no Conservatório de música de Bari. Colaborador da Sapienza Universidade de Roma, lecionou na Pontifícia Universidade Gregoriana. Publicou estudos nos âmbitos da estética da interpretação musical, da história dos conceitos musicais e das relações entre Europa e América Latina. Está colaborando com o Istituto dell'Enciclopedia Italiana na publicação da enciclopédia

musical do séc. XX pelo que tem a ver com os verbetes sobre compositores ibéricos e latino-americanos. Entre suas publicações se encontram os artigos «A recepção europeia e brasileira dos cantos indígenas quinhentistas transcritos por Jean de Léry» (Caravelas 2023), «Cristoforo Colombo la prima volta all’opera (Roma 1691)» (Strenna dei Romanisti 2021), «Entre historiografia e etnografia musical latino-americana: a música indígena na obra de Jean de Léry (1536-1613)» (Caravelas 2019), «Huellas de ‘oralidad’ en un villancico portugués del siglo XVI con versos de Luís de Camões» (Nuevas Perspectivas en torno al villancico, 2018), «Heitor Villa-Lobos e os Tupinambás: Nacionalismo, Modernismo e Pos-modernismo em dois Canide ioune – Sabbath» (Caravelas 2013).

### Isabel Araújo Branco

Isabel Araújo Branco é Professora Associada na Universidade NOVA de Lisboa na área dos estudos hispânicos. É investigadora integrada do CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH—UAc), de que actualmente é subdirectora. É directora de Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias. Participa no projecto «Transficción: La Literatura de la transición democrática española y las narrativas transicionales europeas» (Uni. Zaragoza), bem como no projecto do portal «Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI)-EDI-RED» da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. É membro do Grupo de Investigación en Literatura Contemporánea (GILCO) (Uni. Alcalá). Colabora com o Centro de Estudos Comparatistas (Universidade de Lisboa). Integrou a Acção COST CA16204 «Distant Reading for European Literary History» (2017-2021), financiada pelo Programa Horizonte 2020 da União Europeia, bem como o projecto de investigação «Nivelación de competencias en la adquisición de la competencia traductora (traducción escrita)», promovido pelo grupo PACTE (Proceso d’Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació) da Universitat Autònoma de Barcelona. Recebeu o Prémio Científico Internacional Mário Quartín Graça 2015, concedido pela Casa da América Latina (Lisboa) pela sua tese de doutoramento. Entre outros, publicou *Recepção literária das literaturas hispano-americanas em Portugal* (Münster, LIT, 2021) e *Tradução e edição de obras hispano-americanas em Portugal* (Berlin, Peter Lang, 2020).

## Isabel Rei Samartim

Isabel Rei Samartim (Galiza, 1973) é doutora em História da Arte pela Universidade de Santiago de Compostela (2020), com formação na Hochschule für Musik ‘Franz Listz’ de Weimar (2007) e diplomada superior de Guitarra pelo Conservatório Superior da Corunha (1996). Desenvolveu a sua tese sobre a história da guitarra na Galiza. Entre 2020 e 2021 foi professora de Guitarra no Departamento de Música da Universidade do Minho (Braga). Em 2021 lança o livro *Guitarra galega. Breve história da viola (violão) na Galiza* (Através Editora) e o CD *Guitarra Galega Vol. I* (Air Classical). Em 2022 publica *Caderno de guitarra, Caderno de canto e guitarra* (Editorial Viso) e o primeiro *Álbum de guitarra galega Nível básico* (Dos Acordes). Em maio de 2023 publica o segundo *Álbum de guitarra galega. Nível médio* (Dos Acordes). Realiza a sua atividade concertística focada na divulgação da música galega e portuguesa para guitarra.

## João Nogueira

Professor de psicologia educacional na NOVA FCSH, anda pelas músicas do mundo a tocar contrabaixo, violão e a cantar desde a revolução. Por estas práticas, apresenta a segunda versão do “Consolida, filho, consolida” no âmbito da unidade curricular que lecciona.

## Kátia Rodrigues Paranhos

Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Programa Pesquisador Mineiro, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Autora, entre outros livros, de *História, teatro e política*. São Paulo: Boitempo, 2012, *Cena, dramaturgia e arquitetura: instalações, encenações e espaços sociais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, e *Teatro & censura: intersecções entre arte e política no Ocidente*. Teresina: Cancioneiro, 2022. Editora de *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte* (<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura>)



## Lutero Rodrigues da Silva

Lutero Rodrigues é Doutor em Musicologia pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes-Música, do Instituto de Artes da UNESP. Prioriza o estudo, pesquisa, interpretação e divulgação da música brasileira, atuando em três áreas principais: Musicologia, Ensino universitário e Regência. Como Regente, destaca-se o período em que esteve à frente da Sinfonia Cultura - Orquestra da Rádio e TV Cultura, de São Paulo, entre 1998 e 2005. Na área de Musicologia, produziu numerosos textos sobre diversos compositores brasileiros e suas obras, destacando-se a tese de Doutorado, sobre Carlos Gomes, que recebeu o Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música (2010) e tornou-se livro (Editora UNESP). Atua nas linhas de História, Estilo e Recepção. É Professor de Regência e História da Música Brasileira, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP. É também membro da Academia Brasileira de Música.

## Marco Oliveira

Compositor, poeta e músico. Estudou guitarra clássica no Conservatório Nacional e frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Com raízes no fado e em Lisboa, canta o amor e a melancolia nas “Ruas e Memórias” da sua cidade. Este terceiro álbum foi o último produzido por José Mário Branco, que assina também os arranjos e a direção musical.

## Maria Eugenia Verdaguer

Nasci na Argentina em 1974 e aos seis anos me mudei com os meus pais e irmãos para o Brasil onde a situação política era menos ameaçadora para os meus pais. Formada em Ciências Sociais pela Unicamp, moro na Itália desde 1997 e desde o ano 2000 ensino Língua Portuguesa como leitora na Università del Salento, onde atualmente temos mais de 180 estudantes de Língua Portuguesa. Durante o meu leitorado ensino também a História do Brasil Republicano a partir da história da Música Popular Brasileira dedicando amplo espaço ao período da Ditadura Militar e dos Festivais da MPB. Também sou tradutora juramentada e intérprete e tive a honra de ser intérprete de Gilberto Gil (quando era Ministro da Cultura) e da Presidenta Dilma Rousseff.

## Pedro Branco

Professor, poeta e músico. O cantautor, tal como o pai, veio de Paris com a revolução. É professor primário como o avô, mas a Oficina do Drama, na Comuna e o Bombo da Festa, um grupo de música popular portuguesa, alargaram a sua participação cívica. Lançou “Amor” em 2023, o seu segundo álbum.

## Simone Caputo

Simone Caputo è Ricercatore a tempo determinato (tipo B) nella Sapienza, Università di Roma. Svolge attività di ricerca nell’ambito della musica nelle culture di antico regime e contemporanee, degli studi sul soundscape e sui biopics musicali. Tra le recenti pubblicazioni: l’edizione critica del Trionfo di Clelia (1774) di Niccolò Jommelli (ETS, 2019), *Out of Nature: Music between Natural Sound Sources and Acoustic Ecology*, numero speciale di «Chigiana. Journal of Musicological Studies», (2020, con C. Felici) la monografia *Dies irae. Requiem in musica dal Cinquecento all’Ottocento* (Neo-Classica, 2021), e *Music, Place, and Identity in Italian Urban Soundscapes circa 1550-1860* (Routledge, 2023, con F. Piperno ed E. Senici).

Simone Caputo is Assistant Professor of Music History at the Sapienza University of Rome. His research centres on early modern vocal music, historical urban soundscapes, and musical biopics. His publications include the critical edition of Niccolò Jommelli’s *Il trionfo di Clelia*, 1774 (ETS, 2019), a special issue of the *Chigiana. Journal of Musicological Studies* titled ‘Out of Nature: Music Between Natural Sound Sources and Acoustic Ecology’ (2020, co-edited with Candida Felici), the monograph *Dies irae: Requiem in musica dal Cinquecento all’Ottocento* (Neoclassica, 2021), and *Music, Place, and Identity in Italian Urban Soundscapes circa 1550-1860* (Routledge, 2023, co-edited with Franco Piperno and Emanuele Senici).

## Teresinha Rodrigues Prada Soares

Possui Licenciatura em Guitarra Clássica (UNESP); Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (PROLAM/ USP) na linha Comunicação e Cultura; Doutorado em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) na linha História da Cultura; Professora Titular da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (FCA/UFMT); Integrante

do Núcleo de Investigação Caravelas – Lisboa (CESEM/UNL); autora dos livros *Violão: de Villa-Lobos a Leo Brouwer e Gilberto Mendes: vanguarda e utopia nos mares do sul* (Prêmio Funarte 2008).

### Walter Garcia da Silveira Junior

Walter Garcia é professor associado do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Publicou os livros *Da discussão é que nasce a luz: canção, teatro e sociedade* (Belo Horizonte: Fino Traço, 2020), *Melancolias, mercadorias: Dorival Caymmi, Chico Buarque, o pregão de rua e a canção popular-comercial no Brasil* (Cotia: Ateliê Editorial, 2013; 3º lugar na categoria Teoria/ Crítica Literária do 56º prêmio Jabuti) e *Bim Bom: a contradição sem conflitos de João Gilberto* (São Paulo: Paz e Terra, 1999), além de vários ensaios e artigos, em livros e periódicos. É orientador no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB-USP e no Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP). Compositor e violonista, atualmente grava seu terceiro disco autoral, *Peito esburacado*, com produção da musicista Lua Bernardo.